

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Dream of a Sunday Afternoon in Alameda Park. Diego Rivera (1948) | Imagem: [Wahooart](#)

Entre dominados – Resenha de *Decolonialidade: aspectos contemporâneos fundamentais*, de Flávio Aparecido de Almeida

João Paulo Santos Andrade (UFS)

Resumo: *Decolonialidade: aspectos contemporâneos fundamentais*, organizada por Flávio Aparecido de Almeida, visa discutir a decolonialidade em contextos educacionais e sociais. Peca pela linguagem excessivamente acadêmica, certa ausência de posição autoral e pouca articulação entre capítulos. Destaca-se pela interdisciplinaridade e valorização de saberes marginalizados.

Palavras-chave: decolonialidade; educação básica; epistemologia; interdisciplinaridade.

A obra *Decolonialidade: aspectos contemporâneos fundamentais* é uma coletânea organizada por Flávio Aparecido de Almeida e publicada no ano de 2024. No prefácio, o organizador a descreve como um instrumento didático-pedagógico valioso, fruto do empenho e parceria de professores, estudantes e pesquisadores, com o intuito de discutir e promover questões em ambientes didáticos. O objeto anunciado, já no título, é a decolonialidade, com foco nos aspectos contemporâneos fundamentais relacionados à educação, epistemologias e práticas sociais. O organizador destaca que se visa unir ações institucionais e extrainstitucionais, nacionais e internacionais, fomentando redes de pesquisa, disseminando o conhecimento adquirido com os estudos decoloniais.



Flávio Aparecido de Almeida possui diversos diplomas em várias áreas, entre elas Psicologia, História, Pedagogia, Filosofia, Sociologia e Ciências da Religião, com formações realizadas em instituições como a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), o Centro Universitário UniFaminas e a Faculdade de Educação Regional de Paracatu. É doutor em Ciências da Educação, atua como psicólogo clínico com foco em autismo, inclusão e espiritualidade, além de desenvolver pesquisas sobre direitos humanos, diversidade e estudos decoloniais. O tema da obra, os estudos decoloniais, estão em voga na América Latina principalmente, nas últimas décadas, como um pensar crítico em relação as estruturas de poder eurocêntricas. A obra é composta por 7 capítulos, cada um abordando diferentes aspectos da decolonialidade.

No primeiro capítulo, os autores analisam os desafios e possibilidades para o ensino de Filosofia decolonial no Ensino Médio. A metodologia usada é a do relato do autor enquanto professor de Filosofia e da revisão bibliográfica dos estudos decoloniais. Os autores destacam que o currículo de Filosofia tem priorizado o pensamento eurocêntrico e sacrificado os interesses de minorias. Eles concluem que a inclusão de teorias decoloniais no currículo impacta positivamente na construção de identidades e na valorização de saberes marginalizados; isso foi percebido com a inclusão de materiais produzidos por pessoas marginalizadas pelo eurocentrismo.

O segundo capítulo explora a base eurocêntrica da ciência que perpetua a exclusão de outras formas de saber. Os autores sinalizam o caráter contraditório da ciência que se diz neutra, objetiva e sem preconceitos, mas que usa bases eurocêntricas em suas práticas. Eles propõem a decolonialidade como alternativa para integrar as epistemologias marginalizadas, usam o exemplo da Medicina, afirmando que “o conhecimento médico tradicional praticado por diversas comunidades indígenas foi amplamente desconsiderado e rotulado como “superstição”, “primitivo” ou “não-científico”” (p. 21.). Eles deixam claro que os saberes decoloniais não vêm para substituir a ciência ocidental, mas para trabalhar em consonância. Os autores mostram exemplos de saberes decoloniais na ciência brasileira, como a Rede de Cientistas Indígenas e Afrodescendentes (CLACSO), que busca aproximar cientistas de origem indígena e afrodescendente, promovendo trocas de conhecimento entre a academia e as comunidades locais.

No terceiro capítulo, os autores discutem o pensamento decolonial na América Latina, reivindicando que as epistemologias não sejam importadas da Europa, como ocorre com a maior parte da ciência brasileira. Algumas epistemologias decoloniais são apresentadas, a exemplo da Ecologia dos Saberes, proposta por Boaventura Sousa Santos, que valoriza os saberes de comunidades indígenas.

O quarto capítulo é atravessado por uma experiência pedagógica na Educação Básica, visando o fortalecimento da identidade e da cultura indígena. Relata um projeto realizado em uma escola municipal no RJ, que apresentou a desconstrução de estereótipos sobre os povos indígenas. Os textos mostram que o projeto incluiu atividades pedagógicas e culturais, como a contação de histórias e exposição de artefatos indígenas, evidenciando a importância de integrar a temática indígena ao currículo escolar.

O capítulo quinto analisa a música "Guardians of Earth" da banda Sepultura, relacionando-a ao conceito de Antropoceno e à crítica decolonial, usando a arte como forma de expressão crítica. A música denuncia a exploração ambiental e os problemas climáticos, sinalizando o homem como culpado e a necessidade de que novas práticas sejam adotadas na relação entre sociedade e natureza.

O sexto capítulo examina como a hegemonia epistêmica eurocêntrica marginaliza saberes locais e tradicionais – temática discutida de outro modo no terceiro capítulo desta obra. Propõe estratégias para descolonizar os currículos escolares, as práticas acadêmicas e os sistemas de validação científica, promovendo epistemologias plurais e inclusivas, ou seja, validando saberes vistos como inferiores aos saberes trazidos da Europa. Neste capítulo, é mencionado a urgência de a academia global aceitar os novos saberes.

No último capítulo da obra, os autores focam nas religiões afro-brasileiras como Candomblé e Umbanda, sua atuação como espaços de resistência cultural e epistemológica frente à colonialidade, ante as religiões cristãs que se apresentam como foco de fé e salvação. O capítulo ressalta a contribuição dessas manifestações para a reafirmação de identidades negras, além de discutir questões de racismo e intolerância religiosa.

Embora a obra apresente relevantes contribuições para os estudos decoloniais, alguns pontos a melhorar devem ser destacados. Notei certa ausência de protagonismo em alguns capítulos, uma vez que os autores optam por relatos de experiências e sínteses teóricas, mas não necessariamente apresentam produções próprias ou reflexões autorais mais aprofundadas.

Levando em conta o teor da obra, acredito que a escrita é estritamente acadêmica, contrastando funcionalmente com os estudos decoloniais, que são potencialmente agregadores e usam os objetos como peça-chave da pesquisa. Uma linguagem acessível, portanto, seria bem-vinda, assim como a narrativa da experiência do autor, não só como professor, mas também como produtor de material decolonial.

Por outro lado, a obra se destaca pelo caráter interdisciplinar. Ao longo dos capítulos, notamos que várias esferas aparecem, como a educação, ciência, religião, arte e política. Isso é imprescindível na decolonialidade, lembrando o seu traço de contestação de paradigmas, quebra de barreiras epistemológicas. Para exemplificar a questão interdisciplinar, abordamos a historicidade das disciplinas do Ensino Regular, percebida nas matérias de Filosofia e História, o que corrobora fortemente com a proposta da obra aqui resenhada.

No ensino regular, áreas como Filosofia e História não são vistas como neutras nem atemporais. São disciplinas que fazem parte de processos históricos e políticos específicos, cujos currículos foram escolhidos de acordo com o interesse dos grupos que estavam no poder, desembocando no pensamento colonial eurocêntrico. Essa concepção aparece especialmente nos capítulos que abordam o ensino de Filosofia e a reconstrução do conhecimento a partir de epistemologias decoloniais. Ressalta-se que, tradicionalmente, essas disciplinas foram organizadas sob uma perspectiva eurocêntrica, privilegiando

narrativas ocidentais e silenciando saberes indígenas, africanos e latino-americanos. Podemos, inclusive, mencionar como aprendemos sobre a colonização: muitas vezes, nos livros de História, aparece a expressão “descobrimento do Brasil”. Contudo, interrogamos: como se descobre o que já foi descoberto?

Outros exemplos estão no primeiro capítulo, que problematiza o currículo de Filosofia no Ensino Médio. Ali, o autor denuncia a predominância eurocêntrica e defende a inserção de perspectivas decoloniais para a valorização de identidades e saberes marginalizados. No quarto capítulo, que apresenta um projeto de culminância sobre a cultura indígena, o autor mostra como práticas pedagógicas podem romper com estereótipos históricos. A historicidade dessas disciplinas é fundamental para compreender que o conhecimento escolar não é universal, mas situado, e, portanto, passível de transformação crítica e inclusiva e o seu emprego como práticas de resistência e de pluralização dos saberes no espaço escolar.

Em síntese, trata-se de uma obra muito importante e necessária para o campo dos estudos decoloniais, oferecendo uma visão diversa e crítica sobre as epistemologias marginalizadas e as práticas de resistência dos povos americanos. A coletânea cumpre seu papel ao fomentar reflexões que questionam a hegemonia epistêmica eurocêntrica e incentivam práticas pedagógicas e científicas mais inclusivas, corroborando seu título. A leitura é recomendada para todos os públicos, levando em conta o momento político que vivemos, no qual urge um senso crítico apurado e uma forte noção de identidade.

Referências

ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). *Decolonialidade: aspectos contemporâneos fundamentais*. Guarujá: Científica Digital, 2024.

Sumário de *Decolonialidade: aspectos contemporâneos fundamentais*

1. Ensino de filosofia e pensamento decolonial no ensino médio: considerações a partir de um relato de experiência | Feiruque de Jesus dos Santos, Emanuel José Schneider Neto e Flávio Aparecido de Almeida
 2. Decolonialidade na ciência: reconstruindo conhecimento para inclusão e pluralismo epistemológico | Edison Barbieri e Tarcísio da Guarda Silva
 3. Descolonizando o conhecimento: reflexões sobre o pensamento decolonial na América Latina | Edison Barbieri e Tarcísio da Guarda Silva
 4. Projeto de culminância com educação para a história e cultura indígena na Escola Municipal Maria Lúcia de Souza | Guaraciara Peixoto Dias e Thaís Xavier de Assumpção
 5. Canções de resistência no Antropoceno: uma análise de *Guardians of Earth* à luz da teoria decolonial | Alexandre Araújo da Silva, Fabiana Alves Dantas e Fernando Romão Oliveira de Assis
 6. Hegemonia epistêmica e resistência decolonial: alternativas para um saber plural e inclusivo | Henrique Alonso de A. R. Pereira
- Sobre os organizadores
Índice remissivo

Resenhista



João Paulo Santos Andrade é doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS), bacharel em Geografia e licenciando em Letras Espanhol pela UFS. Publicou, entre outros textos, [A variação diatópica mexicana em dicionários monolíngues de língua espanhola](#) e [Dicionários e colonialidades: racismo, linguagem e resistência a partir de marcas de uso em língua espanhola](#). ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2552605399563505>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6261-4238>; e-mail: jpandradde@academico.ufs.br.

Para citar esta resenha

ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). *Decolonialidade: aspectos contemporâneos fundamentais*. Guarujá: Científica Digital, 2024. 111 p. Resenha de: ANDRADE, João Paulo Santos. Entre dominados. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 26, p. 23-27, nov./dez., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).